

FH nega interesse em briga comercial

Presidente afirma que Brasil prefere negociar a quebrar patentes de remédios e Serra volta a defender acesso universal

Nova York – Doug Kanter/AFP

NOVA YORK – Em sua última entrevista nos Estados Unidos, ontem, antes de embarcar para Brasília, o presidente Fernando Henrique Cardoso rebateu as acusações de que o Brasil teria interesse comercial na briga pelas patentes de remédios. Fernando Henrique lembrou que o Brasil gostaria de reduzir os preços dos remédios, mas afirmou que o país não pretende avançar nas negociações sobre o assunto pondo em risco os benefícios já obtidos. “Comprar remédio mais barato certamente é de nosso interesse, para assim atender mais gente. O nosso objetivo é humanitário.” Alguns fabricantes já aceitaram reduzir preços por pressão do governo.

Em Doha, Catar, onde participou da 4ª Reunião Ministerial da Organização Mundial do Comércio, o ministro da Saúde, José Serra, disse que “já está claro para o mundo que o acesso a medicamentos essenciais à saúde é uma questão de direitos humanos”. Ele enfatizou que em situações de emergência de saúde pública “tal fato deverá se sobrepor às chamadas patentes”.

Aids – No encontro que teve sábado com o presidente Fernando Henrique, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan, elogiou o programa brasileiro de combate à Aids. Annan, que cobrou em discurso na ONU o compromisso dos países de enfrentar a doença, caracterizou a Coordenação Nacional de DST e Aids como um “exemplo para outros países”.

Kofi Annan também analisou a situação no Oriente Médio e na América do Sul e tratou da convenção Rio+10. Fernando Henrique reiterou o convite para que Kofi Annan visite o Brasil em junho de 2002, quando será realizada a cerimônia da transferência da sede do Rio+10 para Joanesburgo.

Tarifas – Já na reunião que teve com o presidente do México, Vicente Fox, o presidente brasileiro discutiu a possibilidade de incrementar o Tratado de Preferências Tarifárias com o governo mexicano.

“Preferência tarifária não significa acordo de livre comércio”, lembrou FH. Ele revelou que os dois líderes estão de acordo quanto à necessidade de o Brasil estar representando na próxima reunião da ONU para discutir o financiamento do desenvolvimento, em Monterrey, em março de 2002. Para eles, o Brasil precisa participar mais do processo de globalização.

Fernando Henrique deu como exemplo a presença do presidente da Câmara dos Deputados, Aécio Neves (PSDB-MG), durante a viagem, para afirmar que “o Congresso Nacional e o Executivo estão unidos nessas questões”.

Ele lembrou ainda que o governo não é contrário ao avanço de negociações para o funcionamento da Alca, mas lembrou que em todo o processo é preciso defender os interesses do país. “Soberania é inegociável, mas comércio é outra coisa. Por isso é preciso que a sociedade participe deste processo. Isso é o futuro”, afirmou.

WTC – A visita aos escombros do World Trade Center, no sábado, deixou o presidente emocionado. Segundo ele, a impressão foi a mesma do dia dos atentados (11 de setembro). “A de que se tratava de uma guerra. O lugar me lembrou um campo de guerra.”

O mais emocionante para o presidente, entretanto, foi a reação dos americanos, que o cumprimentaram pela iniciativa de visitar os destroços e prestar solidariedade aos Estados Unidos.

Os presidentes da Argentina, Fernando de la Rúa, e do Chile, Ricardo Lagos, que estão em Nova York, também visitaram o local.



Fernando Henrique visita os escombros do World Trade Center e se emociona: “O lugar me lembrou um campo de guerra”